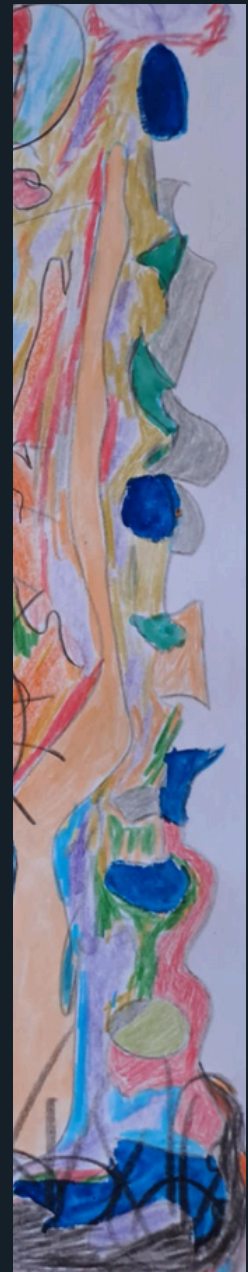


# A MORTE SOBRE O CORPO

Poemas: Roseana Murray

Pinturas: Jidduks

---





# Roseana Murray



Passei por uma experiência de quase morte no dia cinco de Abril de 2024.

Com esta experiência, escrevi um livro para crianças “O Braço Mágico” e essa coletânea de poemas que não é para crianças, colocar a minha dor em poesia me fez muito bem.

Divido a vivência dos primeiros dias na CTI com os meus leitores de quem recebi um tsunami de amor

*Roseana Murray - Julho, 2024*



# Jiddu Saldanha



Faço pintura desde criança e a partir de 1998 resolvi criar meu atelier.

Depois de 10 anos longe das tintas e pincéis e telas, recebi este feliz convite e retornei para esta arte que amo tanto.

Minha gratidão à Roseana Murray, por esta parceria do coração.





# Dedicatória

Ao Alex Alves, que todos os dias na CTI entrava no meu quarto e dizia: salve minha dama de cabelos vermelhos. E também dedico estes poemas para as minhas maravilhosas aranhas douradas, que faziam dos meus curativos um ato de amor.

Para o Hospital Estadual Alberto Torres, o meu agradecimento sempre.

*Roseana Murray - Julho, 2024*



A Morte sobre meu corpo  
não conseguiu me levar.  
Talvez pesasse muito  
a minha chave da poesia,  
a que carrego sempre  
no pescoço.  
Talvez um anjo  
tenha soprado na sua cara.  
Fiquei ali, na rua, abraçada  
com as pedras  
até que viessem me buscar.



Foi um sono sem sonhos.  
Uma longa noite.  
Os cirurgiões cortaram,  
abriram, fecharam.  
As horas galoparam  
sobre mim sem que eu nada  
sentisse.  
Quando acordei, meu braço  
direito havia desaparecido.





Reaprender a vida  
era a tarefa.  
Uma avalanche de amor  
me soterrou  
em suas nuvens,  
entrou pela boca,  
me disse é esse o caminho.



Na carteira de identidade  
terei que escrever SOBREVIVENTE.  
Para quem pergunte  
terei que responder,  
que a morte me abraçou  
mas não conseguiu  
me levar.





Já não poderei levar  
uma braçada de flores  
entre os braços.  
Mas empunharei  
um girassol feito bandeira  
ou espelho,  
com a única mão que agora  
tenho, a mão que me carrega.





Sou uma mulher antiga.  
Brasileira, mas também  
eslava.

Judia e pacifista,  
e sem ter ido à guerra,  
a quem agora falta  
um braço.





No antebraço direito  
havia uma tatuagem,  
um ramo sinuoso de flores.  
Às vezes acariciava o braço  
como se fosse um jardim.  
Faz tempo não chove.

Tudo pede água.







O quarto não tinha janelas.  
Na primeira noite  
tive alucinações.  
Fechava os olhos  
e estava na rua,  
num beco sujo, exposta.  
Algumas pessoas  
acocoradas, suas silhuetas.  
Abria os olhos  
e estava no quarto.  
Durante as três  
primeiras noites estive ali.  
Não sei se a Morte  
me olhava de longe.



O braço direito  
não existe mais,  
mas pensa que existe  
e é uma existência sombria  
de choques e dor,  
como um fantasma  
que afiasse as facas  
na cozinha.





Aprenho a escrever  
com a mão esquerda.  
Viro criança outra vez.  
Rabisco palavras, risco  
o tempo, a casa da infância  
existe, equilibrada  
no balanço da memória.  
Todos vivos  
numa noite quente,  
o timbre da voz de cada  
um ressoa,  
suja de estrelas.





A mente não se contenta  
em mandar choques,  
feito correspondência  
indesejável.

Desenha o braço perdido,  
ele faz o que o outro faz.  
Em vão.



Na verdade, com dor  
ou sem,  
vou vestida  
com as cores de quem  
enganou a Morte:

Vou com as cores radiantes da vida







# FICHA TÉCNICA

**AUTORA**  
**Roseana Murray**

**PINTURAS**  
**Jiddu Saldanha**

**PROJETO GRÁFICO**  
**jidduks**

**ISBN -978-65-85568-09-8**

**clique aqui**

